



Flor do Carmelo

Boletim informativo da Ordem Secular dos Carmelitas Descalços

N.º 12 – 2003

Para estes Jesus ainda não encarnou

Quem são estes para quem Jesus ainda não encarnou? Não me refiro a esses que estão “lá longe”, àqueles que ainda não ouviram falar de Jesus. Refiro-me a estes que estão “cá dentro”; a estes que podem frequentar diariamente o templo, a estes que podem ter uma prática religiosa mais ou menos perseverante; a estes que vivem uma vida moral íntegra, mas não têm uma relação amorosa com Jesus.

O fariseu era cumpridor; cumpria ainda mais do que a lei mandava – que já não era pouco –, mas não mantinha uma relação afectiva com a divindade.

Uma pessoa só se pode manter perseverante numa prática religiosa ou por fanatismo, por tradição ou por amor. No cristianismo a prática religiosa nasce do amor: “Aquele que me ama guardará os meus mandamentos”.

Cristo, assim reza a História Sagrada, encarnou há dois mil anos, mas essa acção amorosa de Deus não me afectará em nada se Jesus não encarnar na minha vida, dando sentido à minha história. Cristo continuará exterior a mim se eu não me abrir à sua pessoa e deixo que aconteça. A fé em Jesus não é a conclusão dum raciocínio ou reflexão, é um acontecimento, um “encontro”.

Para falarmos da fé dum modo compreensível temos que recorrer à categoria do encontro. A fé não é compromisso com uma moral, por sublime que seja; também não é adesão a uma doutrina ou Igreja. A fé é encontro com a pessoa de Jesus, em que Ele se me

apresenta como meu salvador. Neste encontro eu não tenho outra alternativa: ou tomo ou largo. Ou me comprometo com Ele e com o seu projecto de homem ou dou a volta como o jovem rico do Evangelho.

Enquanto não se dê esse encontro de Jesus comigo e eu com Ele não posso falar de fé em Jesus, não posso falar de encarnação de Jesus na minha vida. Este encontro é marcante na vida do discípulo, de tal maneira que o faz mudar de vida e suscita novos encontros e encontros assíduos. O discípulo, a partir deste encontro, começa a fazer parte “dos que estavam com Ele”.

Ponhamos um exemplo. Vemos um casal de jovens

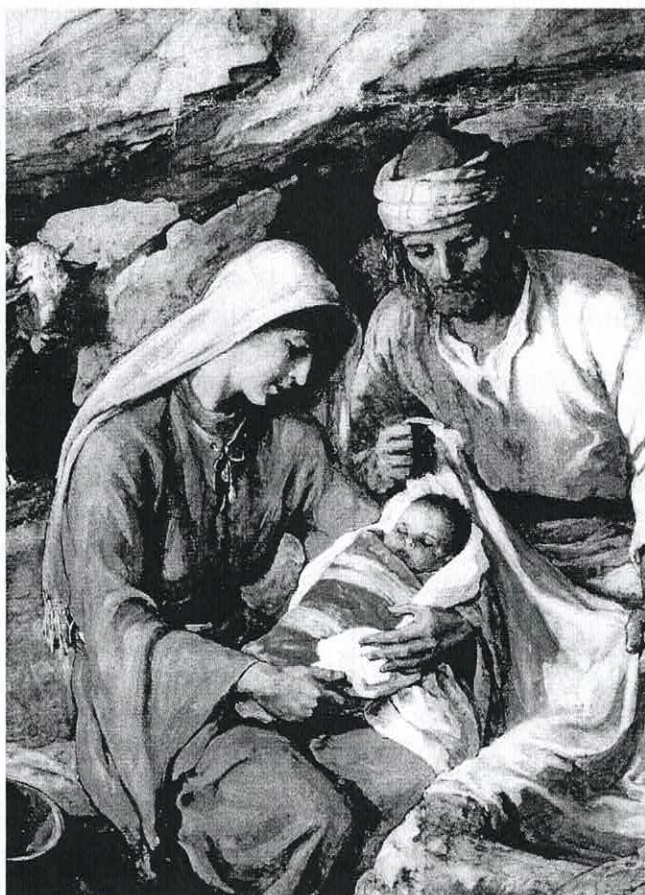
que se abeiram do altar de Deus para receberem a bênção de Jesus. Vão realizar o sacramento do matrimónio porque estão enamorados. Como é que tudo aconteceu? Muito simplesmente: por um encontro. Deu-se um encontro que marcou, uma chispa que saltou, uma luz que se acendeu. Começou o namoro, sucessivos encontros pelos quais iam entrando na intimidade um do outro, até que chegaram ao enamoramento.

A fé em Jesus é isto mesmo. O discípulo de Jesus é um enamorado d’Ele. Mas para chegar a este enamoramento há um caminho a percorrer. Este processo tem, à partida, um primeiro encontro. Depois é questão de namoro, ou seja, de entrar na intimidade do Mestre.

A prática religiosa sempre em decrescendo – a França já chegou ao 1% – revela-nos

que este encontro com a pessoa de Jesus não aconteceu na vida dos crentes. Por isso, mais do que falar de pessoas de fé, teremos que falar de pessoas crentes ou religiosas.

A fé não é algo que se transmite de geração em geração, a fé é um dom, é Jesus que Se dá num encontro



O burro e o boi

*"Ó grande mistério, ó sacramento admirável:
os animais viram o Senhor como um recém-nascido
deitado numa manjedoura"
(Liturgia do Natal)*

peçoal. Isto não é transmissível. O que se pode transmitir – o que normalmente acontece – é uma crença, uma prática religiosa.

Antes, o filho seguia a profissão do pai. Se o pai era médico o filho tinha que o ser também. O mesmo acontecia com a prática religiosa. Como, actualmente, o filho já não segue a profissão do pai, do mesmo modo não segue a prática religiosa dele.

O que os pais e educadores na fé podem fazer é criar condições aos seus filhos para que se dê o encontro de Jesus na vida de cada um deles. E o testemunho da própria fé, o testemunho do seu encontro com a pessoa de Jesus é a melhor dessas condições. É próprio da fé o testemunho. E o testemunho supõe a experiência desse encontro com Jesus. A fé ou é experienciada ou não existe, e se não existe estamos no campo da crença. A fé está sujeita a um processo que termina na experiência. *Fides ex auditu*, dirá S. Paulo. A fé começa pela escuta da Palavra. Segundo passo: acredito no que me dizes. E por último: experimento o que me estás a dizer.

Por isso, Santa Teresa de Jesus dirá: "Convém não só crer isto, mas sabê-lo por experiência". E este "saber por experiência" é, como ela diz, um conhecimento "impresso nas entranhas". A fé não é, simplesmente, uma adesão do entendimento a um certo número de verdades, mas adesão de toda a pessoa: entendimento e vontade. Enquanto o encontro com a pessoa de Jesus não apanhe a pessoa toda, inclusive a sua afectividade, não poderemos falar de fé.

Este "encontro" é algo gratuito, é da iniciativa de Jesus. É Ele que marca o tempo e o lugar do encontro. Nós temos que o pedir e fazer o que está da nossa parte para que ele aconteça. Temos que viver na expectativa. A espiritualidade do Carmelo, porque vai na linha da experiência, é uma espiritualidade de advento permanente. É uma espiritualidade de procura e de encontro. O carmelita tem que viver numa atitude de advento: preparando o "encontro" e os sucessivos encontros.

E a liturgia do advento começa com um apelo: Estai preparados, estai atentos, estai vigilantes, já é hora de despertarmos do sono, estai acordados, porque quando menos pensardes o Senhor manifesta-se.

P. JEREMIAS CARLOS VECHINA

Flor do Carmelo

deseja a todas as comunidades de Padres e Irmãs e a todas as fraternidades da Ordem Secular um Santo e Feliz Natal e Um Ano Novo cheio de graças e bençãos do Senhor. Que a Mãe do Carmelo a todos proteja com o seu manto maternal.

Abundam certos "biblistas" que têm a tendência a depurar a piedade popular de tudo aquilo a que a Bíblia não faça referência. Quando assim é, existe o perigo, de com a água deitarem fora a criança. Com esta mentalidade já algumas estações da Via Sacra deixaram de ser contempladas. Também querem tirar do presépio o burro e o boi porque não se encontram nos Evangelhos tais figuras. Não vamos discutir agora se era vaca se era boi. A Bíblia, normalmente inclina-se para o género masculino.

Penso que tem fundamento bíblico a presença do burro e do boi, embora o seu significado seja um pouco desagradável. É, efectivamente, Isaías que se serve destes dois animais, ao iniciar o seu livro, para dizer que os homens podem ser mais estúpidos que estes animais: "*O boi conhece o seu proprietário e o burro o estábulo do seu dono, mas Israel não conhece nada e o meu povo nada entende*" (Is 1, 3).

Certamente, foi daqui que o Evangelho apócrifo de Mateus tirou a ideia de colocar os dois animais ao lado do Menino Jesus, tornando-se, então, duas personagens do presépio.

Temos que aprender a lição de humildade. É ferido o orgulho do povo hebreu, particularmente nas classes "aristocráticas". Eles possuíam as "apalavras" da fé, iludindo-se com essa fé. Mas a ironia de Deus manifesta-se com toda a força: na gruta entram *animais* que não podem fazer uso da palavra; *pastores*, sem cultura nem prestígio, e por fim os *magos*, sem a "verdadeira" fé. Entram na gruta as pessoas que, de algum modo, estariam "do lado de fora". Os "sabichões", os mestres de Israel, falam muito, mas não vão lá, não entram.

Hoje, devemos fixar a nossa atenção sobre o nosso orgulho que, porque é subtil, é menos identificável, levando-nos a separar da vida o que julgamos menos importante ou sem valor. Não é nos grandes livros que aprendemos as verdadeiras lições da vida, mas nos momentos de provação, como, por exemplo, a doença, em que somos reduzidos às dimensões apertadas do nosso corpo e aos limites da nossa pessoa. É aqui que amadurecem as intuições mais profundas e cresce em nós aquele "faro animal" que nos abre à verdadeira vida e à compreensão das coisas.

Desta maneira, tudo se recupera e resgata. A Encarnação de Jesus é redenção uma vez que assume interiormente a nossa condição humana. Isto quer dizer que "tudo" tem valor e significado.

Deixemos que o burro e o boi continuem no presépio uma vez que fazem parte do quadro em que Deus opera a nossa salvação. Eles são o sinal de que o dia-a-dia não é um segmento de vida pobre e sem sentido, mas o caminho humilde e pouco vistoso, até às vezes aborrecido, ao longo do qual Deus nos conduz gradualmente até ao cume do *Monte Carmelo*. É muito importante que saibamos acolher o burro e o boi na nossa vida. Pode ser que passemos dias em que não sejamos capazes de falar e menos cantar. Mas é importante que, pelo menos, possamos respirar.

A lição do burro e do boi

Às vezes, certas celebrações litúrgicas, como a Missa-do-galo e até mesmo as missas de sétimo dia, trazem-nos à memória aquele “dia” em que Jesus veio ao mundo na gruta de Belém. Alguns, como os anjos, cantavam; outros, como Maria e José, olhavam para Ele; e outros, como o boi e o burro, respiravam. Há, simplesmente, uma troca de números: enquanto que em Belém os anjos eram uma “multidão”, em muitas das nossas celebrações é imenso o número de “burros” e “bois”. Que diferença entre a assembleia descrita nos livros de liturgia e a pobre realidade das nossas celebrações! Custa-nos, muitas vezes, dar as “Boas-Festas” ou desejar “Bom Natal” a uma assembleia que parece girar no vazio.

É preciso pensar no burro e no boi do presépio. O que é que fazem estes dois animais que olham mudamente para uma cena de que fazem parte, sabe-se lá porquê? Continuemos a perguntar: o que é que vem fazer esta gente à Igreja, se parece que não percebe nada do que ali se celebra, se nem sequer abre a boca para dizer o “Pai-nosso”?

O que é que fazem ali estes dois animais que são apresentados frequentemente como símbolos de ignorância grosseira e de estupidez obstinada? Que fazem ali estas bestas que cheiram mal? Deus permita que não abram a boca!...

Poderíamos ser tentados a eliminá-los, uma vez que nos evangelhos da infância, não existe o mínimo sinal destes dois animais. E, se não há qualquer fundamento bíblico, não terão qualquer significado litúrgico e muito menos “teológico”.

Contudo, deve haver algum motivo que justifique a presença destes dois animais à volta do berço de Jesus. Se pensarmos bem, talvez possamos chegar a algumas conclusões.

1. O burro e o boi, com a sua presença prosaica e pouco nobre, podem reconduzir aquele que contempla o mistério do Natal à utilidade da fé e mais profundamente à mera utilidade da vida. É preciso descobrir no meio da festa, onde entram muitas energias para fazer viver a dimensão extraordinária da existência, que a cor habitual dos nossos dias é a cinzenta, ordinária e pobre de motivos surpreendentes e, às vezes, pelo

menos aparentemente, sem nenhum significado. O boi e o burro do presépio são um convite a acolher o quotidiano, o dia-a-dia, quando se veste de festa ou quando se reveste do cinzento do trabalho e dos encontros sempre iguais e quando a fidelidade não vai acompanhada da sensação de doçura e de quietude do coração, mas se torna peso e fadiga.

É verdade que a vida nem sempre é trabalho e cansaça, mas também nem sempre é uma festa. A festa deve ajudar-nos a viver o dia-a-dia, como uma luz que aparece de vez em quando para nos ajudar a continuar a caminhada ao longo de pedaços de existência marcados pela “noite escura”.

Façamos um Natal festivo, rico de cânticos, de presentes e de luzes, mas não esqueçamos o boi e o burro.



2. O boi e o burro, como seres privados da palavra, recordam-nos que a fé repleta de palavras, a fé dos teólogos de todas as especialidades e dos pregadores de todos os estilos, é apenas uma parte da realidade e da vida do crente. Há na fé, aliás como na vida, uma autêntica comunicação que está para além da palavra.

Recordemos a Missa-do-galo: o que é que levou

**Uns cantavam,
outros contemplavam
e outros respiravam.**

aquela gente à Igreja? Seria a vontade de ouvir o sermão? Talvez não. Seria a memória emotiva da infância e da sua inocência? Não poderia ser também as notas de um cântico – não tanto as palavras –, ou talvez a recordação de pessoas queridas com quem outrora se festejava ou simplesmente a vontade de encontrar amigos?

A nossa religião é a religião da Palavra, do Livro. Efectivamente, o acto criador de Deus começa com uma palavra, e Jesus é apresentado ao mundo como a Palavra de Deus. Contudo, quando o Verbo entra no mundo aparece como *Verbum infans*, ou seja, como “palavra que não fala”. “Infante” significa, literalmente, “não falante”.

Desta maneira, em Jesus, Deus entra no mundo sem falar, e dele sai morrendo em silêncio. Contudo, aquele nascimento e aquela morte, bem como os seus olhares e gestos, falam mais que muitos discursos.

O boi e o burro do presépio são um convite a descobrir a riqueza quer para a vida quer para a fé, da comunicação não verbal, da que passa pelo corpo e pelas coisas. Temos que saber integrar harmonicamente na vida estas duas linguagens: os gestos e as palavras.

O boi e o burro não cantam, não contemplam, mas respiram.

A estrela

Havia um menino que sonhava possuir, um dia, uma estrela brilhante, uma estrela de Natal.

Mas o tempo ia passando e ele nunca conseguiu ter a sua estrela, porque lhe davam muitos outros presentes, mais ricos e mais belos e nunca lhe ofereciam uma estrela...

Muitas vezes, quando brincava com os seus presentes, falava dela e desejava tê-la ali, junto de si, poder falar com ela, tocar-lhe, senti-la, ver a luminosa luz do seu olhar de estrela de Natal...

Mas logo os outros brinquedos lhe diziam que isso era impossível, porque uma estrela de Natal só acontece no Natal e muitas vezes só acontece nos livros... Então ficava triste e contentava-se em sonhar com ela e no sonho participar do mundo mágico da estrela.

Aproximava-se o Natal. Era mais fria a noite e a manhã acordava sempre enregelada. Em casa do menino começaram a montar a árvore de Natal. Era enorme. Tinha vindo de longe, de um lugar onde os pinheiros eram grandes e belos. Encontrava-se ainda coberta de pinhas verdes e castanhas e os seus ramos estendiam-se em todas as direcções...

O menino ficou a vê-la ornamentar... Primeiro vieram as bolas coloridas, que foram colocadas em todos os ramos, depois os fios de ouro e prata, os sinos, as aves, que brilhavam desde a cabeça à cauda, muitos brinquedos de vidro e muitas velas coloridas... Por fim, veio a neve, que cobriu de magia branca toda a alegria do pinheiro.

Mas no alto da enorme árvore não existia nenhuma estrela...

Nessa noite, o menino adormeceu cheio de tristeza... Sonhou que a estrela veio ter com ele, entrando pela janela aberta e deixando atrás de si um rasto luminoso... A estrela sorria-lhe, cheia de cintilações...

– Sempre vieste, estrela! – tinha dito o menino.

– Sempre estive aqui... Lá fora, quando estás acordado e cá dentro, quando dormes. Ando contigo, porque tu me desejas. O sonho torna tudo possível!...

O menino tinha ficado a olhar a estrela sem a poder compreender. Depois, a pouco e pouco, o sentido das palavras da estrela tornara-se claro...

– Queres dizer que, se eu te desejo, tu podes ser verdade?

– Sim... De certo modo... Um sonho grande nunca é impossível, porque há sempre uma verdade em cada coisa! Ter um sonho grande é ter olhos para ver essa verdade...

Então a estrela viera lentamente e poisara na cama do menino. Mas a sua luz era tão forte que o menino fechara os olhos e adormecera.

Na manhã seguinte, um sol luminoso entrou pela janela do menino e pintou todas as coisas de alegria. Fez do palhaço uma mancha vermelha, do comboio colorido um arco-íris fabuloso, da bola fez outro sol, redondo e grande, dos bonecos fez pinceladas de cor e até da escura cabeleira do menino fez um grito de vida!...

O menino acordou e lentamente o sonho que tivera trouxe ao menino a explicação para muita coisa...

Um sorriso luminoso como o sol deu ao seu olhar um clarão impossível. O menino tinha compreendido...

Desceu as escadas apressadamente e sempre a correr entrou na grande sala de jantar, onde o pinheiro era, nessa manhã de sol, uma presença e uma esperança.

O menino viu as bolas, os sinos, os fios luminosos como estradas de luz, as aves prontas para um estranho voo, as pinhas cheias de promessas... Por fim, viu a neve. Uma brancura luminosa cobria o pinheiro como um manto que ocultava um sonho...

O menino ficou algum tempo perdido no seu sonho. Depois olhou para o alto e o seu rosto feliz abriu-se num sorriso. Estendeu as mãos para a estrela e murmurou:

– És linda, querida estrela. Eu sempre te imaginei linda... Quando o Natal terminar vou guardar-te de novo dentro de mim... Porque é em mim que o Natal acontece...

E foi a correr para o jardim...

MARIA ADELAIDE VASCONCELOS



És linda, querida estrela. Eu sempre te imaginei linda... Quando o Natal terminar vou guardar-te de novo dentro de mim... Porque é em mim que o Natal acontece...

O cristianismo no Ocidente

Uma das constatações mais dolorosas para quem se considera crente é que, entre os jovens, a Igreja praticamente desapareceu da lista de instâncias capazes de apresentarem ideias válidas para se orientarem na vida.

Conforme uma *Informação* acerca dos jovens espanhóis – quem fala dos espanhóis pode falar dos portugueses, pela proximidade – que levou a cabo, em 1989, a Fundação Santa Maria, somente 16 de cada 100 jovens consideravam que a Igreja dizia coisas importantes a respeito de ideias e interpretações do mundo. A verdade crua – comentava um dos redactores daquela *Informação* – é a seguinte: “A Igreja soa a velho, a passado, a outra época, para a grande maioria dos jovens”.

Pois bem, essa percentagem – que já antes suscitava espanto – desceu ainda mais, cinco anos depois (1994), até ficar num 4%. Exceptuando os partidos políticos – que andam a par da Igreja –, os jovens espanhóis consideravam que em qualquer outro lugar se diziam coisas mais interessantes para se orientarem na vida: na família (51%), entre os amigos (35%), nos meios de comunicação social (31%), nos centros de ensino (21%), nos livros (20%)....

E o pior é que, passados outros cinco anos, em 1999, já houve um novo retrocesso, e já não chegam sequer a 3% (ficam pelos 2,7%) os jovens que dizem escutar na Igreja coisas importantes para se orientar na vida. Deveria fazer-nos pensar que, até mesmo entre os jovens que se dizem católicos praticantes, somente 10% encontram na Igreja orientações válidas para a sua vida. Supõe-se que a Igreja católica tem “palavras de vida eterna”; mas, interrogados os jovens espanhóis sobre os lugares onde ouvem coisas interessantes, citam todos os lugares menos a Igreja.

O futuro do cristianismo ocidental

O Padre Tillard publicou, não há muito tempo, um artigo cujo título era provocador: “Seremos nós os últimos cristãos?”.

Não faltam motivos para se fazer uma pergunta como esta. O cristianismo desapareceria se uma geração de crentes – a nossa, por exemplo – não fosse capaz de criar condições à geração seguinte para que o encontro com Cristo acontecesse. E algo disto parece estar a acontecer nos nossos dias, pelo menos no Ocidente.

Tendo isto presente, nenhuma pessoa consciente pode desprezar a provocadora pergunta do P. Tillard: Seremos talvez os últimos cristãos?

Este teólogo respondia: Instintivamente, digo que não. Digo que não seremos os últimos cristãos, uma vez que acredito, com toda a grande tradição cristã, que Deus, na sua fidelidade para com a humanidade, não deixará que se apague a luz que o seu Filho acendeu. E imediatamente concluía: “Este ‘não’, dito

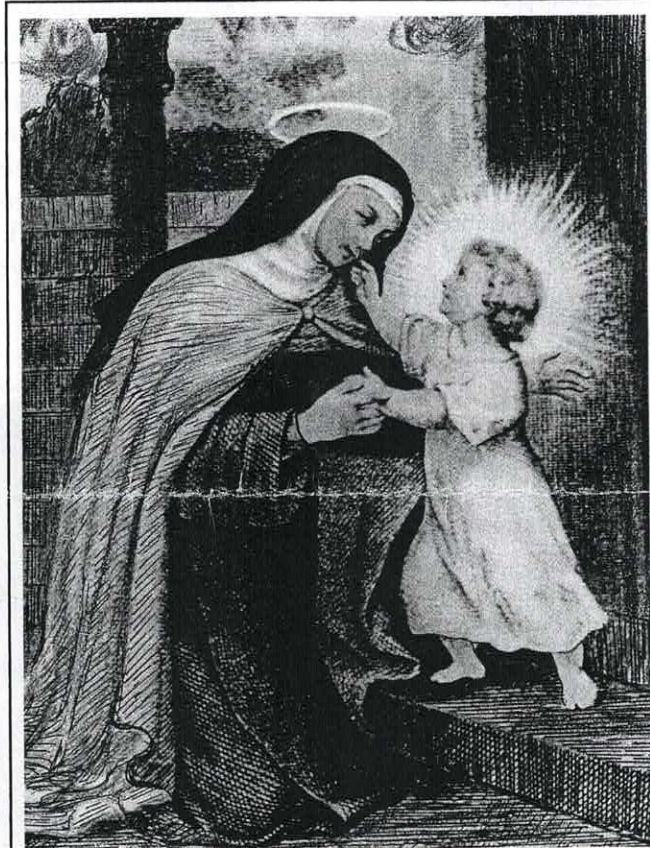
instintivamente, considero-o como um ‘não’ saído do meu ‘sentido da fé’ e, portanto, do Espírito”.

Depois de fazer nossa a resposta instintiva de Tillard, intentaremos justificá-la de algum modo. Recordamos, por exemplo, que durante a segunda metade do séc. XIX e a primeira metade do XX foram inumeráveis as vozes de racionalistas, positivistas e marxistas que anunciaram o fim próximo do cristianismo. Às vezes, até mesmo fixando uma data limite para isso, como quando Conte afirmou, em Abril de 1851, que antes de 1860 estaria a pregar o positivismo na catedral de Notre-Dame de Paris. Contudo, hoje são todos esses movimentos intelectuais os que desapareceram, ou, pelo menos, perderam vigência, enquanto que o cristianismo, por muitos problemas que tenha, segue em pé.

Acontece, além disso, nada mais nascer, considerar-se o cristianismo já moribundo. O Apóstolo Paulo, na *Segunda Carta aos Coríntios*, alude a este diagnóstico não sem ironia: “Como agonizantes, embora estejamos com vida” (2Cor 6, 9).

De facto, embora esse diagnóstico pessimista se tenha feito ouvir desde há dois mil anos, aqui estamos ainda. Até ao momento, foram os nossos coveiros que desceram à terra.

Sem dúvida, tem razão Van de Pol: “O futuro da Igreja e do cristianismo depende primariamente de Deus e não do homem. Deus pode, portanto, confundir as



Certo dia, Teresa encontra no convento da Encarnação uma criança.

Admirada pergunta:

– Tu quem és.

E a criança responde com uma nova pergunta:

– E tu quem és?

Ao que Teresa responde:

– Eu sou Teresa de Jesus.

.....

– Pois eu sou Jesus de Teresa.

melhores predições fundadas em factos, como tem sucedido frequentemente na história”.

Contamos com aquela promessa de Jesus de que as forças do mal não prevalecerão sobre a Igreja (Mt 16, 18); mas também somos conscientes de que isso não nos dá garantia que a Igreja chegue ao fim dos tempos pujante. O próprio Jesus Se interrogou melancolicamente: *“Quando venha o Filho do Homem, encontrará fé sobre a terra?”* (Lc 18, 8).

Em todo o caso, o que a promessa de Jesus não garante de modo algum é que a Igreja se mantenha vigorosa em todos os lugares onde teve uma rica presença no passado. Pensemos, por exemplo, na situação de Ásia Menor (hoje Turquia), uma região que durante os primeiros séculos foi testemunha de um florescimento excepcional do cristianismo.

Ali realizou S. Paulo as suas primeiras missões apostólicas; aquele foi a país que atravessou S. Inácio de Antioquia a caminho do martírio, sendo recebido na cidade por umas comunidades cristãs cheias de vida.

Ali viveu S. Policarpo de Esmirna, e ali nasceu Santo Ireneu de Lião.

Ali, ou na sua fronteira europeia, se celebraram os sete primeiros concílios ecuménicos (Niceia I e II, Constantinopla I, II, III, Éfeso e Calcedónia). Nos séculos IV e V – a idade de ouro da patrística – grandes bispos, como S. Basílio o Grande e seus amigos de Capadócia, desenvolveram ali uma teologia trinitária que ainda hoje vive a Igreja. Mas, de repente, chegou o Islão e arrasou tudo. Santa Sofia – a basílica mais célebre da cristandade, que foi construída por Justiniano – foi, durante muito tempo, uma mesquita, e agora é um museu. Dos 54 milhões de habitantes do país, somente 140.000 são cristãos.

Uma reflexão semelhante poderíamos fazer a respeito do Norte da África, o país de Tertuliano, de S. Cipriano e de Santo Agostinho. Antes da invasão muçulmana chegou a ter 300 dioceses, e hoje somente restam umas poucas comunidades; pequeno resto do antigo esplendor.

Tendo em conta estes dados, está mais que justificada a pergunta sobre o futuro do cristianismo nos nossos países ocidentais. No conjunto do mundo, cada ano os católicos aumentam em 14 milhões; o 2,4% devido a conversões, e o resto como consequência do crescimento demográfico.

Fim do cristianismo convencional

Tillard afirmava: não somos os últimos cristãos, mas somos sim “as últimas testemunhas de uma certa maneira de ser cristão”. Acabou aquilo que Van de Pol chamou cristianismo “convencional”. *“Uma religião é convencional – explicava o teólogo holandês – na medida em que as práticas e convicções religiosas são tidas por boas e verdadeiras, não porque assentem na reflexão pessoal, ... mas porque assim foi aprendido”.*

Durante os três ou quatro primeiros séculos, não existiram cristãos convencionais. Os seguidores de Cristo, para o ser, necessitavam cortar com o ambiente hostil que os rodeava. Mesmo depois, nunca faltaram na Igreja crentes autenticamente convencidos –

pensemos nos místicos, os fundadores de Ordens e Congregações religiosas, os reformadores e os pioneiros dos movimentos laicais ... –; mas, seguramente, não exagero se digo que para a maior parte dos baptizados o cristianismo converteu-se num convencionalismo que dava a toda a sua existência uma sensação de segurança e protecção.

Se, até ao séc. IV, a adesão ao cristianismo se podia pagar com a vida, desde então não só deixou de ser perigoso, mas tornou-se proveitoso e até mesmo necessário. Pois bem, nisto terminou o cristianismo no Ocidente e talvez para sempre.

Como disse, já há muitos anos, o P. Rahner, os cristãos europeus vivemos, pela primeira vez desde o século IV, em situação de diáspora. A palavra grega (*diasporá*) significa “dispersão” e foi muito frequente no vocabulário judaico-cristão dos primeiros séculos. Designava a “dispersão” dos judeus e, a seguir, a dos cristãos, no meio de um mundo pagão. Recordemos, por exemplo, o começo da Primeira Carta de Pedro: *“Pedro, Apóstolo de Jesus Cristo, aos peregrinos da Dispersão do Ponto, da Galácia, da Capadócia, da Ásia e da Bitínia...”* (1Ped 1, 1).

Isto obrigará a viver a fé com uns rasgos novos.



Num dos dias de Natal, estando S. João da Cruz no recreio com os seus religiosos, sentiu um arrebatado e levantando-se tomou o Menino Jesus nos braços e começou a bailar, cantando: *“Meu doce e terno Jesus / se amores me hão-de matar / agora têm lugar”.*

NOTICIÁRIO

LAR DO CARMELO SECULAR

Entusiasmados com a ideia dessa possibilidade tem-se feito várias visitas e telefonemas à actual dona do terreno, que fica ao lado da casa que a Maria de Lurdes Marques tão generosamente cederia para se fazer o tão almejado lar dos carmelitas seculares.

O Victor e a Nair já lá estiveram no dia do nosso Encontro do ano passado e também constataram que esse terreno do lado é a melhor solução. Tem-se avançado muito pouco porque a D^a Angelina (proprietária do terreno) é muito complicada e não confia em ninguém. Felizmente agora resolveu delegar tudo num irmão que vive em França e que está interessado em resolver o assunto, mas só o pode fazer em Fevereiro.

Se houver algum impedimento optaremos pelo terreno das traseiras que também está à venda. Continuemos a rezar a S. José para que tudo se resolva em bem se for para maior glória de Deus e bem dos carmelitas.

COIMBRA

Bodas de Prata: - No dia 12 de Outubro, os nossos amigos Nair e Vítor, da fraternidade de Coimbra, celebraram as Bodas de Prata do seu matrimónio. A Eucaristia, celebrada pelo P. Jeremias, teve lugar no Carmelo de Santa Teresa. A Fraternidade, como não podia deixar de ser, acompanhou os nossos amigos, Nair e Vítor, neste momento tão solene. Mas o mais bonito e emocionante foi o momento em que os dois subiram ao altar para agradecerem a Deus o dom dos filhos e abençoá-los. Oxalá que daqui a vinte cinco anos possamos celebrar as Bodas de Ouro. Que o Senhor vos cumule de bençãos e que Nossa Senhora do Carmo vos cubra, bem como aos vossos filhos, como o seu manto maternal!...

FIGUEIRA DA FOZ

14-16 de Novembro: - Também este ano, sob a orientação do Senhor Padre Jeremias e por iniciativa do Carmelo Secular, nos reunimos na Casa da Sagrada Família em Mira 18 pessoas, dispostas a uma "experiência de deserto" à nossa medida.

Começámos por ter 26 inscrições e, umas mais distanciadas outras mais em cima da hora, desistiram 8, ou por doença ou por quaisquer motivos. Para quem se mete a organizar é, de início, um tanto ou quanto decepcionante. Mas, o desenrolar do retiro trouxe-nos outra realidade: afinal o silêncio foi melhor observado, ou antes, mais vindo de dentro, as conferências – de tão elevada craveira – cremos que assimiladas e interpelativas, houve mais tempo para o atendimento por parte do director do retiro.

Só Deus sabe, mas talvez tenha deixado sequelas mais sólidas. Para já, houve quem afirmasse que, para ela ou para ele, tinha sido em cheio!

É uma experiência a continuar. Confiamos em que o Espírito Santo, muito mais do que nós, nos quer encher o coração e não nos há-de faltar nem com o Senhor Padre Jeremias, nem o local acolhedor que, tão simplesmente, mas com tão boa vontade nos é proporcionado.

Não nos poupámos à propaganda através de cartazes com que inundámos as paróquias vizinhas e algumas de Coimbra, assim como não descurámos os vários contactos pessoais que fizemos.

Dos resultados só Ele, o Senhor, sabe mas, como estímulo, ficaram-nos as palavras do nosso Vigário Episcopal, Monsenhor Dr. Leal Pedrosa: "*Louvo a iniciativa e peço a Deus que desperte nos corações de muitos cristãos o desejo de aproveitarem esta oportunidade de enriquecimento pessoal*".

Ficamo-nos com Santa Teresa do Menino Jesus: "*Que dizeis a Jesus? Não lhe digo nada. Amo-O*".

ALICE E NUNO

PEREGRINOS A PÉ

7 a 11 de Outubro: - O dia começava a clarear e o conjunto de 70 pessoas que se propunha caminhar de Lisboa a Fátima reunia-se entusiasticamente no Parque das Nações.

Neste ano jubilar do Rosário, a certeza do triunfo do Coração Imaculado de Maria pertencia já ao coração de cada um de nós.

Feita a oração da manhã, lá partia este grupo heterogéneo (o que o tornou extremamente rico) com idades compreendidas entre os vinte e tal e os 68/70 anos.

Como líder, a "carismática" Rosarinho pensara tudo ao pormenor e a organização, avisos atempados, etc., tornava perfeita a estrutura. Até, em abono da verdade, os pequenos imprevistos na disciplina tão sabiamente pensada, tiveram o seu cunho positivo: - afinal, e graças a Deus, levávamos muito mais gente nova! E, se é facto, como alguém disse, que "quando a juventude arrefece o mundo bate os dentes", neste caso confirmou-se o contrário: a temperatura disparou por aí acima, a sede apertava e a variedade das reacções resultou numa entre-ajuda fortíssima, inesquecível principalmente para aquelas cujo passo encurtava e obrigava o seu grupo (porque íamos divididos em 8 equipas que, diariamente, variavam) a tomar o ritmo de andamento da criança que era cada uma ou cada um que ia ficando para trás, até por solidariedade.

Cada dia teve uma intenção própria: humildade, aceitação, perdão, entrega, súplica!

Com todas as dificuldades que, graças a Deus, iam surgindo – pois de busca de facilidades a todos os níveis andamos nós fartos! – com os imprevistos que nos confortaram individualmente e em grupo e que nos foram ensinando a emergir do abatimento à alegria, através das nossas próprias limitações, encontrámos a generosidade, o amor dos outros, o entusiasmo. E lá vamos peregrinando!

Experiências que nos ensinam a vaguear pela vida sabendo que em cada dia, em cada passo, em cada momento o Senhor vem ao nosso encontro. E, afinal, de uma forma tão visível, tão concretamente manifestada no esforço do Senhor Padre Jeremias que, nem precisando de nos dizer, deixava deduzir que tudo faz "Por Teu amor, ó Jesus!"

Se querem que vos diga, até aqueles dois fins de dia em que ficámos sem missa, um por desencontro de informação, outro porque, à chegada de Fátima, parecia terem-se aberto as "comportas" do céu e não chegámos a tempo ao Carmelo, onde o nosso "misteriosamente incansável" assistente nos esperava, me deixaram a matutar:

– umas vezes caminhamos programadamente e com o êxito, outras vezes com malogros. Mas Ele, o Senhor que faz toda esta história connosco, espera por nós. Grande e maravilhosa experiência humana e espiritual!

Os ecos começaram de imediato: pelo telefone, por carta, no reencontro do dia 22 de Novembro, nos votos de Santo Natal:

- "estou outro!"; "sou uma pessoa diferente!"; "encontrámos um Padre diferente!"; "agora sim, fiz uma experiência de Igreja"; "se não puder repetir os cento e tal quilómetros, virei e estarei de outra forma".

Finalmente em Fátima, e já aqui com momentos difíceis de ultrapassar, integrámo-nos no programa do Santuário de 12/13 de Outubro.

Momentos de partilha, de escuta, de propósitos de mudança, também momentos de humor e de formas bem gostosas de retemperar forças nos almoços que, com tanta ternura, nos foram levados ao caminho, com uma palavra de enorme apreço para o sorriso aberto e disponível, sempre pronta a apoiar na carrinha, que nos proporcionou a Cesaltina, podemos concluir: "Esse amor, em cada dia desafiado e reafirmado, ajudou-nos a compreender um pouco melhor a oração, a penitência, a conversão".

É que, nestas coisas de Deus, nada se perde: tudo se transforma em vida ressuscitada.

Alice Montargil



*Vamos todos juntos
a ver al Messias,
que vemos cumpridas
ya las profecias...
Levemosle dons
de grande valor,
nuestra gran zagala
alegrese hoy.*

teresa de Jesus

**Vamos todos juntos
ver o Messias
que já vemos cumpridas
as profecias...
Levemos-Lhe dons
de grande valor,
a nossa grande zagala
hoje se alegre.**

XI ENCONTRO NACIONAL O.C.D.S

Dias 7, 8 e 9 de Maio

Local: Centro Catequético

Inscrições: Rosarinho Tel. 21 4683894

(pode deixar no voice mail)

Agradeço que as façam com antecedência

"AO ENCONTRO DO LIVRO VIVO"

(Leitura orientada do Livro da Vida de Sta. Teresa de Jesus)

Dias 30, 31 e 1 de Fevereiro

Local: Seminário da Torre da Aguilha (S. Domingos de Rana)

Inscrições: Rosarinho Tel. 21 468 38 94

Orientam Padres O.C.D.

RETIRO QUARESMA (aberto a toda a gente)

Tema: "Saber partilhar e repartir o Pão"

Dias: 27 a 29 de Fevereiro

Inscrições: Rosarinho Tel. 21 468 38 94

Orienta o Sr. P. Jeremias

III ENCONTRO DE ESPIRITUALIDADE

Dias 25, 26 e 27 de Junho

Local: Irmãs Franciscanas de Linda-a-Pastora

Inscrições: Rosarinho Tel. 21 468 38 94

Orientam Padres O.C..D.

PEREGRINAÇÃO À RUSSIA

Dias 29 de Julho a 5 de Agosto

Inscrições: Rosarinho Tel. 21 468 38 94

Acompanhada espiritualmente pelo Sr. P. Jeremias

IV ENCONTRO DE ESPIRITUALIDADE

Dias 5, 6 e 7 de Novembro

Local: Irmãs Franciscanas de Linda-a-Pastora

Inscrições: Rosarinho Tel. 21 468 38 94

Orientam Padres O.C..D.

PEREGRINAÇÃO A PÉ A FÁTIMA

Dias 7 a 13 de Outubro

Inscrições: Rosarinho Tel. 21 468 38 94

PEREGRINAÇÃO A SANTUÁRIOS DO NORTE

Duração 3 dias

Em data ainda não determinada

QUOTAS EM ATRASO

Queridos amigos o Secretariado vem lembrar-vos que ainda há Fraternidades que não pagaram a quota deste ano. Agradecemos que o façam o mais breve possível para se poder fazer uma avaliação orçamental



Boletim Informativo das Fraternidades da Ordem Secular da Província Portuguesa de Nossa Senhora do Carmo dos Carmelitas Descalços * Fotocomposição: P. Pedro Lourenço Ferreira * Responsável da publicação: P. Jeremias Carlos Vechina * Sede: Rua de Gondarém, 274 - 4150-371 PORTO * Tel. 226181683 - Fax 226189391 * jeremias@carmelitas.pt; Sítio: www.carmelitas.pt